

## CURSO DE LETRAS DA UEPA: UMA ANÁLISE DO PERFIL DOS ALUNOS QUE INGRESSARAM EM 2013

### CURSO DE LETRAS DE UEPA: UN ANÁLISIS DEL PERFIL DE LOS ESTUDIANTES QUE INGRESARON EN 2013

Ioneli Bessa Ferreira\*

**Resumo:** Este artigo visa discutir a escolha dos alunos pelo Curso de Letras da Universidade do Estado do Pará, no ano de 2013. A motivação deste estudo deve-se ao fato de eu ter percebido durante os cinco anos em que ministrei disciplinas específicas neste Curso, que grande parte dos ingressos não cursam Letras porque efetivamente o querem, mas por motivos diversos. A partir desta observação e da entrega de uma produção de minha autoria, onde me apresento e digo como se deu minha escolha pelo curso e minhas motivações para continuar sendo professora, solicito produção individual na qual eles se apresentem a mim dizendo o porquê da escolha pelo curso e as expectativas com relação ao mesmo. O que percebi na análise das 70 produções dos ingressos em Letras 2013 foi o cruzamento de histórias de vidas muito semelhantes. Grande parte dos alunos não estão no Curso porque efetivamente querem cursá-lo, mas porque: 1 – passaram de segunda opção; 2 - foram chamados na repescagem; 3 - os pais os forçaram a fazer o Curso, por ser em uma instituição pública de renome; 4 – acham que o Curso, por ser de Letras, os ajudará a escrever melhor para fazerem o Curso de Direito (o preferido deles, seguido de Comunicação Social e outros.). Espero apresentar resultados mais completos desse estudo em 2016, momento em que os alunos concluirão o Curso de Letras.

**Palavras-Chave:** Curso de Letras. Perfil. Alunos. História de vida. Leitura.

**Resumen:** En este trabajo se discute acerca de la elección de los estudiantes en el Curso de Letras de la Universidad del Estado de Pará, en 2013. La motivación de este estudio debe a lo que me di cuenta durante los cinco años en que ministrei disciplinas específicas a este curso, que la mayoría de los estudiantes no hacen Letras eficazmente porque quieren, pero por razones diversos. A partir de esta observación y entrega de una producción de mía autoría, donde me presento y digo: ¿cómo fue mi elección y mis motivaciones para ir a seguir siendo un maestro?, pedí una producción individual en que se presentaron a mí diciendo la razón para elegir el curso y las expectativas con respecto a la misma. Lo que me di cuenta en el análisis de 70 producciones de estudiantes que ingresaron en Letras en 2013 son las intersecciones de historias de vida muy similares. La mayoría de los estudiantes no están en el curso porque quieren, sino porque: 1 - segunda opción elegida, 2 - fueron llamados en el repechaje, 3 - los padres obligan a hacer el curso debido UEPA ser una universidad pública de renombre; 4 – creer que el curso, siendo Letras, les ayudan a escribir mejor para hacer el Curso de Derecho (ellos prefieren, seguido por Comunicación y otros.). Espero poder presentar resultados más completos de este estudio en el año 2016, momento en que los estudiantes completarán el curso de Letras.

**Palabras-Clave:** Curso de Letras. Perfil. Estudiantes. Historia de Vida. Lectura.

---

\* Mestre em Educação e Professora do Curso de Letras da Universidade do Estado do Pará – UEPA. E-mail: [ionelibessa@gmail.com](mailto:ionelibessa@gmail.com)

Este artigo visa discutir acerca dos alunos que ingressaram no ano de 2013 no Curso de Letras da UEPA no turno da manhã e no turno da noite. Por que escolheram o Curso? Quais as motivações que os levaram a escolhê-lo? Considerarei essas indagações a partir de uma atividade proposta na disciplina Produção e Recepção de Textos, momento em que entreguei aos alunos, tanto da manhã quanto os do turno da noite, uma produção de autoria própria, na qual faço a minha “auto-apresentação”.

Normalmente faço isso na primeira aula, pois é uma forma de mostrar para os futuros professores como se deu minha construção enquanto docente e para que eles produzam um texto no qual eu pudesse fazer uma avaliação prévia do percurso deles como escritores e produtores de textos, além, é claro, de verificar aspectos linguísticos das produções escritas por eles, no entanto, o que venho percebendo nesses quatro anos em que venho aplicando essa metodologia é que um grande número de meus alunos acaba produzindo um texto, onde eles “desabafam” muito de suas inquietações e expectativas em relação ao curso, a leitura e a escrita.

Marinho e Silva (1998), ao tratarem do professor e sua relação com a leitura, mostram que o CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita FAE/UEPA) desenvolve pesquisas em relação às condições do ensino-aprendizagem da escrita na escola, tomando como foco central a relação autor-texto-leitor, as quais apontam a existência de duas perspectivas básicas neste campo de reflexão sobre o espaço de atuação do professor: a primeira “o situam no seu espaço profissional, a escola. Uma delas analisa as estratégias possíveis que o professor faz do texto (literário e não literário) a partir das descrições das atividades de leitura que ele utiliza ou produz para mediar o processo de ensino-aprendizagem”; a outra “analisa esse leitor, ainda na cadeira escolar, pela leitura que ele faz da escrita de seus alunos”.

No caso deste artigo me centrei um pouco em ambas perspectivas acima mencionadas, por pensar que uma influencia na outra e vice-versa. Como professora não posso deixar de analisar o texto dentro do campo lingüístico e textual, também não posso me furtar de verificar as representações e as estratégias de leitura de meus alunos, pois há uma tendência muito grande deles (re) produzirem uma auto-apresentação muito semelhante a que lhes entreguei.

Isso vem ao encontro do que diz Geraldi (1996) *apud* Marinho e Silva (1998) - que nos constituímos como sujeito que somos por meio da produção da linguagem, pois o texto

traz as marcas de sua inserção num espaço e num tempo histórico, marcas relativas aos seus sujeitos produtores, às ideologias que veicula, aos objetivos que pretende alcançar, às instituições no interior das quais se efetiva etc. Por isso é que o ato de ler é um constante diálogo com nossas palavras e com as palavras dos outros. (p.183)

Sabe-se que é por meio das experiências de leitura que o leitor vai se edificando como leitor proficiente que deve ser, a leitura o modifica, ou porque adere aos pontos de vista com que compreende o mundo, ou porque modifica tais pontos de vista em face do diálogo mantido através do texto com seu autor.

É a partir dessa relação entre mim, enquanto **autora**, o **texto** produzido tanto por mim como pelos alunos, enquanto **leitores** e produtores que concebo de crucial importância a valorização das singularidades e dos percursos particulares que integram a experiência individual desses sujeitos, principalmente no que tange à leitura e produção de textos, pois no Curso de Letras essas duas modalidades de uso da linguagem são imprescindíveis à formação docente.

Urge a necessidade das Universidades, por meio de suas pesquisas, verificar que alunos estão ingressando nos Cursos de Letras? Qual a sua motivação pela escolha do Curso? Qual o motivo que os levou a escolher o Curso? E outras indagações mais.

Considero também de vital importância que um futuro professor – para tornar seus alunos leitores/escritores – precisa ser ele mesmo leitor e escritor proficiente a fim de que os discentes possam efetivamente serem reconhecidos como cidadãos. Para isso, é necessário que este futuro professor, em sua formação inicial, tenha assegurado seu direito irrestrito e inalienável como cidadão também. A fim de concretizar esse direito no processo de construção de sua cidadania, é urgente que ele conquiste sua palavra, recupere o significado da profissão docente e se aproprie da leitura efetivamente e (re)descubra a paixão pela escrita ou descubra-se como autor.

Sim, porque compactuo com Souza e Kramer (2003, p. 15) quando dizem

Entendendo a educação como *práxis* social e buscando um marxismo que recupere a presença do homem em sua humanidade, o professor e a professora, as alunas e os alunos não são vistos apenas como “aqueles que ensinam” e “aqueles que aprendem”. Eles são sujeitos históricos. São produtores de linguagem. Linguagem que os constitui como **sujeitos humanos e sociais** sempre imersos em uma coletividade. (Grifos meus)

Sujeitos esses que foram muito tempo silenciados na escola, pelo menos é o que percebo nos alunos do primeiro ano dos cursos da UEPA, onde leciono por quase duas

décadas, pois chegam aqui com muita dificuldade de se expressarem oralmente e total insegurança na modalidade escrita, dando a impressão de que a escola nega o papel dos interlocutores na comunicação escrita.

É preciso que seja resgatada a dimensão polissêmica da linguagem que, segundo Benjamin (1987, p.112), se deteriorou e perdeu seu espaço através do domínio do uso monológico da linguagem tecnocrática que se estabeleceu nas relações entre os homens no mundo moderno.

Essas relações são mediadas pela linguagem, pois, como diz Bakhtin (1981), a linguagem é a arena onde os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam. Desse modo, a palavra, signo ideológico por excelência, é mediadora do processo dialético entre o individual e o social, pois cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas e discursos que funcionam como um espelho que reflete e refrata o cotidiano das relações sociais.

A narrativa autobiográfica (no meu caso utilizei uma auto-apresentação, gênero similar) é o centro de minha atenção, pois permite um entendimento dos relatos autobiográficos como mediação, ou como estratégia metodológica para a compreensão da relação recíproca entre indivíduo e contexto social.

Bakhtin, Benjamin, Vigotsky e outros autores têm fornecido alicerces para entender as práticas sociais como espaços de produção de linguagem. Isso diz respeito a confecção da escrita na e para a coletividade. A minha prática, enquanto docente que sou, é construída em um conhecimento compartilhado tanto na experiência de leitura e discussão crítica, quanto na produção individual ou coletiva de textos, artigos, relatos. Certeza tenho de que os professores e as professoras precisam se tornar narradores, leitores e produtores reais de escrita, para que possam ensiná-la a seus alunos, haja vista que ninguém ensina o que não sabe.

Buscando encontrar soluções para as muitas questões e problemas teórico-metodológicos colocados pela própria experiência em pesquisas e preocupados em produzir um outro conhecimento nos professores, mais adequado para compreendê-los como pessoas e como profissionais, autores como Nóvoa (1992) e outros vêm trabalhando a partir de um enfoque teórico-metodológico que pode oferecer um novo campo de possibilidades interpretativas para a pesquisa educacional – as narrativas/entrevistas autobiográficas ou também chamadas “histórias de vida”.

Trabalhar com histórias de vida em pesquisa educacional é um grande desafio, haja vista que a produção do conhecimento se situa na encruzilhada de vários saberes,

quer dizer, um conhecimento compartilhado dialogicamente que requer, sobretudo, uma compreensão da narrativa como espaço de produção de **linguagem**, sem contar que história e memória se articulam e têm seus conceitos redefinidos.

Não procurarei me ater neste texto aos conceitos propriamente ditos, pois a prioridade aqui é mostrar um pouco do como as histórias se entrecruzam, pois a partir da minha auto-apresentação pude perceber o quanto as histórias dos ingressos de 2013 no Curso de Letras se cruzam. Não se pode perder de vista que, em termos benjaminianos, história se faz no entrecruzamento do passado, presente e futuro, rompendo, desse modo, com a noção de tempo vazio e homogêneo que flui numa direção única e preestabelecida.

O título de minha produção é: Vida de Professor – nesta exponho, brevemente, acerca de minha trajetória desde a infância até a atualidade. Apresento nele os motivos que me levaram a escolher o Curso de Letras e digo como se deu minha inserção no mercado de trabalho e como adoro a profissão docente, descoberta muito depois de graduada. Em seguida solicito que eles se apresentem, por escrito, a mim. O objetivo é verificar quais problemas de ordem gramatical e discursiva eles apresentam a fim de melhorar as práticas de escrita por meio de atividades de retextualização.

O que me causou surpresa ao ler os textos produzidos pelos alunos foi a repetição de histórias semelhantes, o que me fez refletir acerca do futuro profissional da área de Letras, reflexões estas que trago aqui para, não somente socializar, mas também para que se possa discutir acerca do perfil dos alunos do Curso de Letras da UEPA.

*A priori*, depois de apresentar o meu texto, pedi que eles procurassem colocar o motivo da escolha pelo Curso, uma vez que, em turmas anteriores, fiz essa atividade e percebi que a maioria estava no Curso por vários motivos: ingressaram via PRISE (Processo de Ingresso Seriado da Universidade), foram chamados na repescagem, não obtiveram êxito em vestibular prestado na UFPA, e outros – menos porque gostavam e queriam fazer, de fato, o Curso.

Ingressaram no Curso de Letras 80 alunos, no entanto, no dia de minha aula compareceram 34 no turno da manhã (faltaram 6) e 37 no turno da noite (faltaram 3), o que totalizou em 71 produções as quais foram analisadas levando em considerações as seguintes indagações:

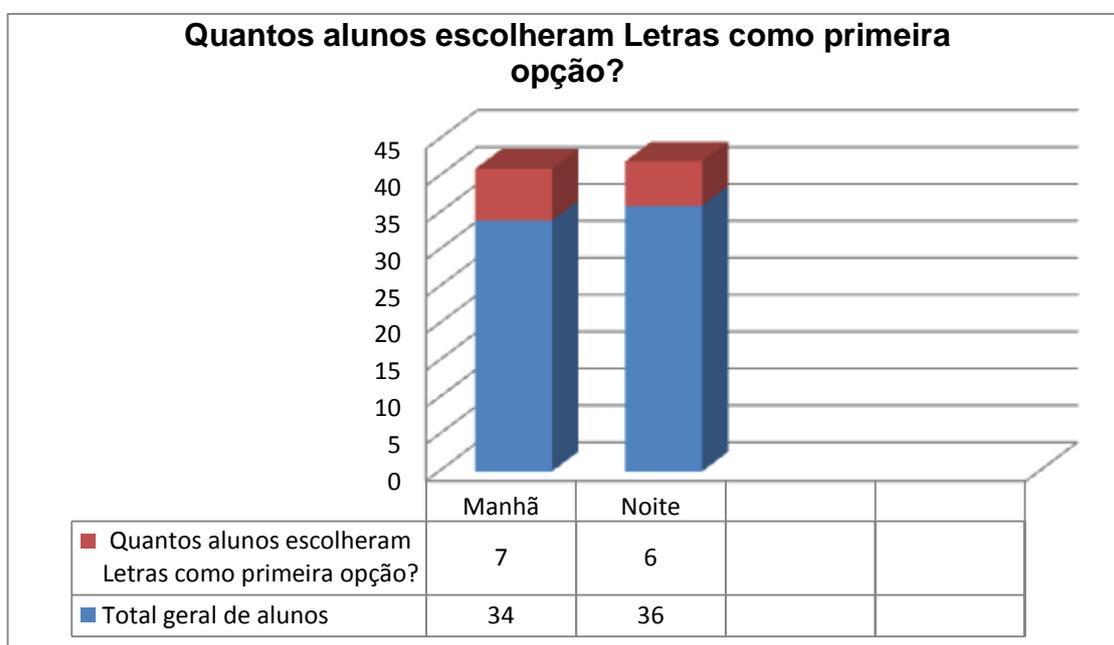
- 1º - quantos escolheram Letras como primeira opção?
- 2º - quantos ingressaram no Curso de Letras por segunda opção?
- 3º - quantos escolheram Letras porque gostam do curso?

4º - quantos escolheram Letras porque esse curso os auxiliará em outras graduações?

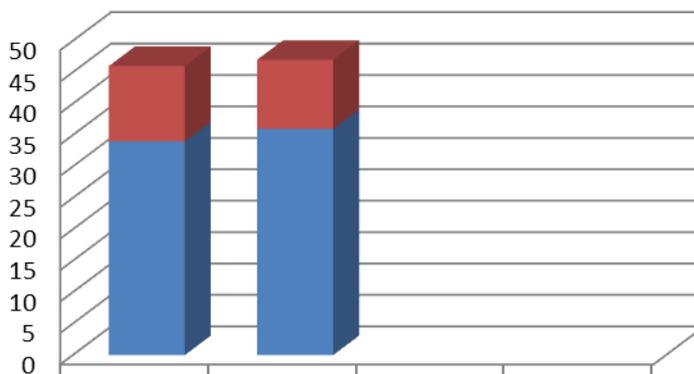
5º - quantos escolheram Letras por influência de um professor que tiveram?

6º - quantos deixam claro o nível sócio-econômico ao qual pertencem?

Os critérios foram adotados a partir do que os alunos escreveram em suas produções. Convém ressaltar que nem todos responderam, em seus textos, as perguntas acima. Elas foram encontradas nas produções discentes com bastante frequência, o que me motivou a refletir acerca do perfil dos alunos ingressos no Curso de Letras da Universidade do Estado do Pará – UEPA, no ano de 2013 e a selecionar essas seis perguntas. Das 70 produções, consegui encontrar nos textos o seguinte:

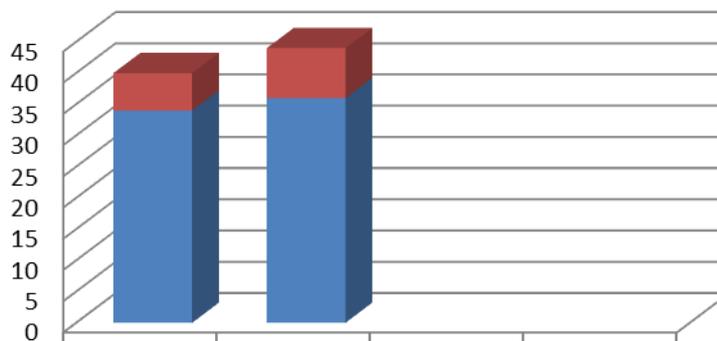


### Quantos alunos estão cursando Letras como segunda opção?



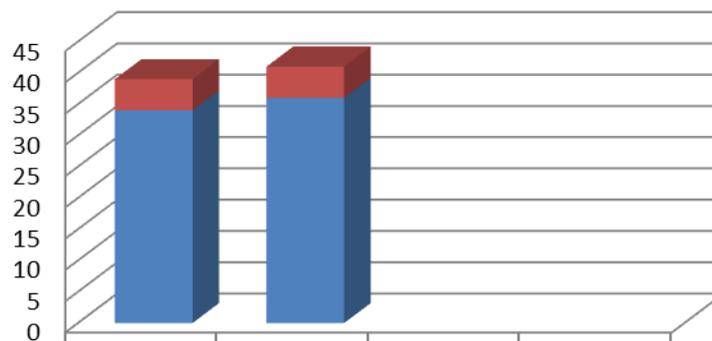
	Manhã	Noite		
■ Quantos alunos estão cursando Letras como segunda opção?	12	11		
■ Total geral	34	36		

### Quantos alunos escolheram Letras porque gostam do curso?



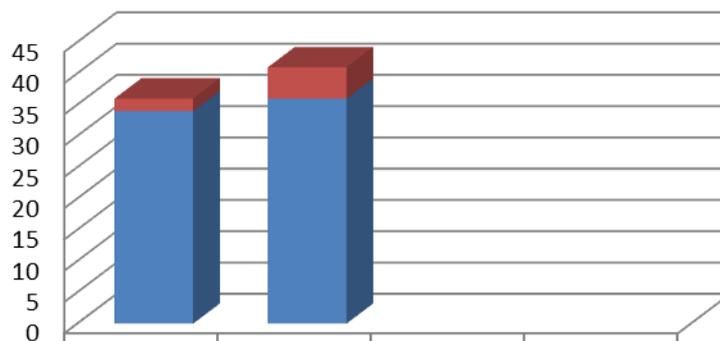
	Manhã	Noite		
■ Quantos alunos escolheram Letras porque gostam do curso?	6	8		
■ Total geral	34	36		

**Quantos escolheram Letras porque esse curso os axiliará em outra graduação?**

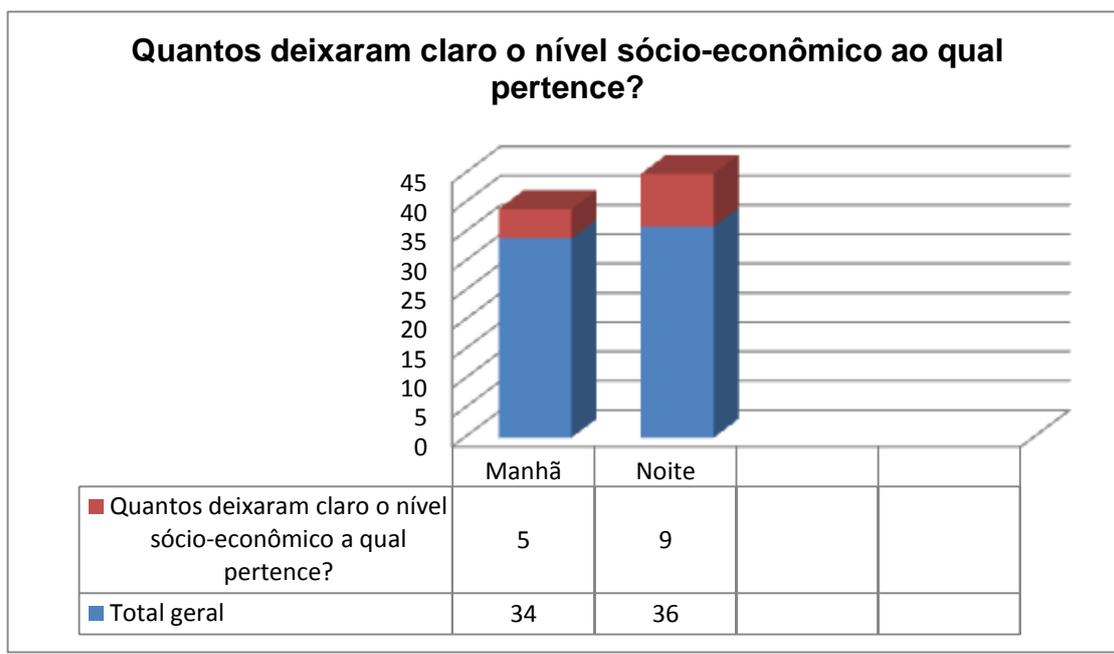


■ Quantos escolheram Letras porque esse curso os axiliará em outra graduação?	5	5		
■ Total geral	34	36		

**Quantos alunos escolheram Letras por influência de um professor que tiveram?**



■ Quantos alunos escolheram Letras por influência de um professor que tiveram?	2	5		
■ Total geral	34	36		



Creio que por influência do meu texto, onde deixo claro que venho de uma família de baixa renda, 14 dos alunos mostram em suas produções que vêm da classe popular, geralmente filhos que vivem somente com a mãe, ou são criados por outros parentes.

O que percebi na análise das produções dos ingressos em Letras 2013 é o cruzamento de histórias de vidas muito semelhantes. Grande parte dos alunos não estão no Curso porque efetivamente querem cursá-lo, mas porque: 1 – passaram de segunda opção; 2 - foram chamados na repescagem; 3 - os pais os forçaram a fazer o Curso, por ser em uma instituição pública de renome; 4 – acham que o Curso, por ser Letras, os ajudará a escrever melhor para fazerem o Curso de Direito (o preferido deles, seguido de Comunicação Social e outros.).

Conforme já foi dito anteriormente, percebe-se nos textos a grande dificuldade enfrentada pelos alunos para chegar a uma universidade pública pelos mais diversos motivos, tais como: estudar em escola pública, o que não lhes deu embasamento suficiente para passar em Cursos mais renomados socialmente; baixas condições financeiras: muitos são oriundos de família de baixa renda, a mãe é quem sustenta a família, alguns moram na casa de parentes e outros motivos mais.

O que me chamou bastante a atenção foi o fato de um número significativo dizer que estava feliz porque era o primeiro da família a entrar em uma universidade;

em contrapartida outros disseram que quando falam que estão cursando Letras as pessoas, inclusive da própria família, não recepcionam bem a “escolha” do Curso, pois o consideram pouco valorizado, exige muito tempo no desempenho da função (na sala e fora dela), além de não ser uma profissão bem remunerada.

Também foi bastante citada a grande dificuldade com a leitura, em virtude de vários deles terem sido pouco expostos a essa prática, sem contar que se acham péssimos escritores, pois, segundo alguns, não dominam as “regras gramaticais” para produzirem o que consideram um bom texto.

Acho que o exposto aqui ajuda-nos a refletir sobre o perfil desses alunos, pois creio que eles devem desenvolver competências (algumas negligenciadas na escola) como ser usuário e profissional da língua(gem), a fim de poder atuar de forma segura, consciente e competente nas situações profissionais nas quais venham a intervir ao longo de sua formação inicial e também naquelas com as quais se defrontarão no exercício da profissão.

A partir da leitura das produções dos alunos é que tenho certeza cada vez mais de que a leitura é uma prática sociocultural, que se constitui nos processos históricos de cada leitor, circunscrito sempre pela organização sociopolítica de uma dada sociedade. Pelas narrativas de auto-apresentação, pude perceber o quanto os alunos se permitiram abrir-se a uma interlocutora/professora de maneira peculiar, o que normalmente não ocorre dada a situação de hierarquização a que ainda nos encontramos certas vezes atrelados.

Espero daqui a três anos apresentar outros resultados, pois pretendo verificar o porquê da permanência de alguns alunos em Letras, haja vista que o número daqueles que abandonam o Curso é muito grande.

#### Referências:

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética de La creación verbal*. Santiago: Siglo Veintiuno, 1982.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. *In: Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987, v.I.
- KLEIMAN, Angela B. (org.) *A formação do professor: perspectivas da lingüística aplicada*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- KRAMER, Sônia e SOUZA, Solange Jobim e. Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo da narrativa, leitura e escrita de professores. *In: KRAMER, Sônia e*

SOUZA, Solange Jobim e (org.). *Histórias de Professores*. São Paulo: Ática, 2003, p. 13-42.

-MARINHO, Marildes e SILVA, Ceris Salette Ribas da. *Leituras de professor*. Campinas, SP: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

-NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. Porto, Porto. Ed., 1992.

-VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

**Recebido em:** 17.03.2013

**Aceito para publicação em:** 13.05.2013